

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE	25. DEZ. 1979	DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

Sectores da «AD» reclamam «assalto» ao Banco de Portugal

P.P.I.

O Banco de Portugal encontra-se na mira de certos sectores da «Aliança Democrática», havendo quem preconize a manutenção do actual governador, Silva Lopes, quem se bata pelo ingresso de João Salgueiro e quem patrocine a reentrada de Jacinto Nunes. Um tanto inesperadamente, o semanário «Tempo» batia-se na sua edição de ontem por esta última solução (apesar de Jacinto Nunes ter sido dado, em tempos, como próximo do Partido Socialista) e desferia forte ataque a Vitor Constâncio e Rui Vilar, os quais seriam afastados por razões de «competência» e por serem «membros influentes do PS».

O ataque a Vitor Constâncio e Rui Vilar deixa surpreendidos os observadores da nossa realidade política, que se interrogam sobre a eventualidade de se estar a encetar uma vigorosa purga política no aparelho de Estado. Registe-se que a inoportunidade da crítica ao destacado especialista financeiro que é Vitor Constâncio é tanto mais flagrante quanto se sabe que o visado tem manifestado preferência pela manutenção do seu mandato parlamentar, em prejuízo das funções de gestor bancário, as quais tem desempenhado com inescusável



Jacinto Nunes: ora na mó de cima, ora na de baixo

zelo e competência e numa perspectiva puramente apartidária.

Silva Lopes não é igualmente poupado, sendo acusado de ter servido o regime anterior, no âmbito da integração europeia, e o novo regime também, designadamente no âmbito da legislação gonçalvista decorrente do 11 de Março.

No entanto, os líderes da «AD» parecem partilhar de vistas mais moderadas a respeito das personalidades a designar para os altos cargos da área financeira. Concretamente, o futuro ministro das Finanças, Cavaco Sil-

va, preferiria a manutenção em funções de Silva Lopes; e isso não acontecerá, apenas porque o próprio rejeitou liminarmente tal possibilidade, em reunião havida com o próprio Cavaco Silva e Sá Carneiro.

Não é necessário salientar a importância do Conselho de Administração do Banco de Portugal na concretização de qualquer política económica e financeira que se admitiu sempre que o governador daquela instituição deveria ser da confiança do primeiro-ministro e, necessariamente, do titular da pasta das Finanças.

De qualquer forma, o Banco de Portugal atravessou os anos mais conturbados da Revolução de forma bastante airosa, conservando-se tanto quanto possível à margem dos conflitos sociais e políticos que dilaceraram a sociedade portuguesa. Assim aconteceu porque ali se conseguiu preservar, na medida do possível, o primado dos métodos de uma correcta gestão, em prejuízo de considerações puramente políticas, susceptíveis de afectar o equilíbrio e o prestígio da instituição. Por esse motivo também os ataques desferidos ao Conselho de Administração do Banco são injustos, além de inoportunos.